

## ESTUDO CONTRASTIVO ENTRE A FLUÊNCIA ORAL EM PORTUGUÊS-LM INGLÊS-LE DE FORMANDOS EM LETRAS

VERA LUCIA TEIXEIRA DA SILVA  
(Universidade Estadual do Rio de Janeiro/FFP)

### ABSTRACT

This paper deals with oral fluency. It is intended to compare the oral performance in EFL and Portuguese as a mother tongue of undergraduate students. It was the purpose of this article to investigate if both oral Portuguese and English are treated the same way. It was observed that much relevance is given to the teaching of written Portuguese and English.

PALAVRAS-CHAVE: Fluência oral, língua materna, língua inglesa-LE

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a *fluência oral* em Inglês-LE e em Português-LM, abordando depoimentos de formandos em Letras e de professores dos dois idiomas sobre este tema.

O interesse desta pesquisadora no ensino/aprendizagem da língua oral justifica-se pelo fato de que, após longos anos (exatamente 14) ensinando Inglês em uma escola destinada a esse fim específico, e já há alguns anos lidando com alunos oriundos dessas escolas na universidade, pôde observar que, com raríssimas exceções, alunos realizando ou tendo realizado vários anos (quatro, cinco, seis e até mais) de estudo sistemático e ininterrupto de língua inglesa, não conseguem ir além do desempenho de tarefas simples tais como: cumprimentar, despedir-se, ler em voz alta. Usar a língua para tarefas mais complexas, como explorar idéias e tópicos, raramente conseguem.

Diante dessas constatações no que tange ao Inglês-LE oral e tendo em mente que o Curso de Letras (Port./Inglês) forma professores com habilitação para lecionar tanto Inglês quanto Português, a pesquisadora decidiu investigar se os professores de Língua Portuguesa do referido curso demonstravam algum tipo de preocupação com a *fluência oral* de seus alunos e o que faziam para desenvolvê-la. Surpreendeu-se ao comprovar que também o Português-LM falado não recebia a atenção devida.

Com base nessas observações conclui-se que tanto o Português-LM como o Inglês-LE falados compartilham o mesmo problema, ou seja, não recebem por parte dos professores que os ensinam a mesma atenção dada ao Português e ao Inglês escritos.

O texto oral - patrimônio de todos - tarda a ser valorizado, não lhe sendo atribuída na sala de aula a importância conferida à escrita (Júdice, 1997:39). Afinal de contas, há que se ter em mente que “somos seres eminentemente orais”, como assinala Marcusch

(1995:01). Faz-se necessário, pois, que os professores se preocupem com o desempenho oral de seus alunos, tornando-o adequado às situações comunicativas.

Ademais, cumpre salientar, conforme aponta Bygate (87:vii), que é “através da língua oral que se aprende um idioma; é ela o principal veículo de socialização, de avanço profissional, de negócios” Ou, como ressalta Levelt (1989:xii) “conversar é uma das nossas mais diletas ocupações. Gastamos horas conversando, contando histórias, ensinando, discutindo... e com certeza, falando sozinhos...”

Neste trabalho, pois, pretende-se investigar se o Curso de Letras está formando professores adequadamente no que diz respeito à *fluência oral* nos dois idiomas. Busca-se também determinar qual o significado de *fluência oral* compartilhado pelos alunos e professores do referido curso.

O trabalho está dividido em cinco partes. Na primeira, discorre-se brevemente sobre a importância da língua oral e justifica-se a opção pelo tema. Na segunda, fundamenta-se a pesquisa teoricamente. Para isto, procede-se a uma revisão bibliográfica sobre o conceito de *fluência* e sobre a situação do ensino/ aprendizagem do Inglês-LE e do Português-LM. Na terceira, descreve-se a metodologia que será utilizada na pesquisa. Na quarta, apresentam-se a análise e a discussão dos resultados. Na quinta parte, elencam-se as conclusões.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em sendo o tema do presente estudo a *fluência oral*, torna-se indispensável inicialmente indagar o que a teoria propõe sobre essa noção. Dois autores apenas são referidos, pois, dentre todos os consultados (e foram muitos), poucos abordaram essa questão. O primeiro porque é o único que trata da noção de *fluência* em contexto de L1 (que é o caso do Português-LM) e o segundo porque, de certa forma, resume, de maneira clara e ampliada, o que outros autores têm a dizer sobre *fluência* em contexto de LE.

### 2.1 Fluência

Trabalhar com a noção de *fluência* oferece, em princípio, duas grandes dificuldades. A primeira está relacionada à própria definição do termo *fluência*. Segundo Scarpa (1995:163-164), ao se buscar na literatura definições para *fluência* ou estudos sobre ela, constata-se que esses foram desenvolvidos mais por fonoatras e fonoaudiólogos do que propriamente por lingüistas, o que, na autora desperta uma certa surpresa em virtude do fato de ela nunca Ter imaginado que áreas aplicadas necessitassem tanto do conceito. Na verdade, a surpresa de Scarpa não é procedente, uma vez que para a Lingüística Aplicada o conceito de *fluência* é extremamente útil e corrente, carecendo apenas de normalização. Para uma recente caracterização abrangente de *fluência* por um renomado lingüista, veja-se Crystal (1999), em que o referido processo é descrito como uso espontâneo, rápido, fácil e preciso de uma língua. Esclarece o lingüista britânico que o conceito de *fluência* se aplica principalmente à *fluência oral*, mas é também referente à capacidade de escrever, ler e usar sinais.

Observa ainda Crystal que, curiosamente, em geral, não se considera o ouvir em termos de *fluência*. A segunda diz respeito ao fato de que embora a noção de *fluência* se aplique tanto à linguagem escrita quanto à oral (Richards, Platt e Platt, 1992:141), costuma-se associá-la à língua oral apenas.

Apresentam-se, a seguir, as observações de Fillmore (1979:93) e Lennon (1990) sobre *fluência*.

Fillmore (op. cit.) ressalta que algumas pessoas conversam facilmente, enquanto outras falam pouco e/ou mais vagarosamente, de uma maneira mais hesitante. O autor abre um capítulo para tratar de *fluência* (“On Fluency”). Nele, enfatiza que vai considerar “quão bem as pessoas falam sua língua”. Para ele, existem várias maneiras pelas quais se julga se uma pessoa é ou não fluente, e relaciona cinco tipos de pessoas consideradas fluentes, a saber:

- a) o indivíduo que preenche o tempo com conversa, isto é, não tem de parar várias vezes para pensar no que vai falar ou de que maneira vai expressar-se, (cita os Disk Jockeys (Djs) como exemplo);
- b) o indivíduo que, ao falar, usa frases coerentes, racionais e semanticamente densas;
- c) o indivíduo que tem coisas apropriadas a dizer em um número variado de contextos diferente daqueles que só são fluentes em ambientes conhecidos e se cala completamente na presença de estranhos e em situações inesperadas;
- d) o indivíduo que é criativo no uso da língua, expressa suas idéias de maneira singular, faz piadas, trocadilhos, constrói metáforas, varia estilos, etc.
- e) o indivíduo que reúne todas essas habilidades;

Fillmore afirma ainda que muitos tipos de conhecimentos entram na formação da *fluência oral*, a saber:

- a) de formas lingüísticas fixas (morfemas, palavras e expressões fixas);
- b) de um vasto repertório de respostas prontas que corresponderiam a um número também grande de situações;
- c) dos processos de formação de palavras;
- d) do mundo;
- e) dos vários tipos de esquemas interacionais usados na conversação;
- f) dos esquemas discursivos;
- g) da adequação de determinadas palavras, formas, construções sintáticas a contextos específicos (conhecimento de estilos e registros).

Lennon (op. cit.:388-389) acredita que o termo *fluência* é usado com dois sentidos: um amplo e outro restrito. Em sentido amplo, *fluência* é sinônimo de *proficiência oral*. Nesse sentido, ser fluente representa o ponto mais alto numa escala que avalia o que um falante tem da língua oral. Em sentido restrito, *fluência* em LE é um componente da *proficiência oral*. Assim sendo, um aprendiz pode ser fluente mas apresentar uma gramática ruim, ou ser fluente mas não possuir um vocabulário extenso e variado. O inverso também é verdadeiro, ou seja, um aprendiz pode falar corretamente sem ser

fluente. Para Lennon, *fluência* é um fenômeno puramente relacionado ao desempenho. Prossegue afirmando que *fluência* representa a habilidade de o falante atrair a atenção do ouvinte para aquilo que ele quer dizer, para a sua mensagem.

De um modo geral, os autores referidos compartilham a idéia de que ser fluente tanto em LM quanto em LE implica produzir um discurso contínuo e fácil de ser acompanhado pelo ouvinte. Um discurso adequado, mas não necessariamente perfeito no que diz respeito à gramática, ao léxico e à fonética. Um discurso coerente, criativo e adaptado às diversas situações de linguagem. E são esses aspectos que a teoria aponta ao definir uma pessoa fluente. Ressalte-se que os autores consultados não estão preocupados em caracterizar um professor fluente. Como este estudo abarca professores e futuros professores de línguas, tanto materna quanto inglesa, é de suma importância que fique clara a concepção de *fluência oral* que será adotada como referência no decorrer da pesquisa.

Não basta que um professor de línguas seja apenas capaz de se comunicar. É preciso que ele produza um discurso contínuo, sem interrupções e fácil de ser acompanhado pelo ouvinte. Com relação à correção em língua inglesa, não sendo o professor um falante nativo, esse discurso deve ser o mais possível livre de erros gramaticais, lexicais e fonéticos. Em Língua Portuguesa, em sendo o professor um falante da língua, o seu discurso não deve conter tais erros. Tanto o professor de Português-LM quanto o de Inglês-LE devem exibir discursos criativos e adequados às diversas situações de linguagem que se lhes apresentam.

## **2.2 O Ensino do Português-LM**

O ensino da Língua Portuguesa tem sempre privilegiado a língua escrita e relegado a língua oral a segundo plano (Pontes, 1988:101). Este fato é tanto verdade que Magalhães (1992:259) chega a afirmar, com veemência, que “para a grande maioria dos professores do Ensino de 1º e 2º graus no Brasil, só existe a língua escrita”.

Com o propósito de explicar, mais do que justificar, o porquê desta excessiva importância dada à língua escrita, vale fazer um breve histórico sobre a introdução dos estudos lingüísticos na universidade brasileira. Geraldi (1996:307) informa que a Lingüística só passa a fazer parte do currículo dos cursos de Letras na segunda metade dos anos 50; começa a se popularizar inicialmente como interferente no ensino de línguas estrangeiras na década de 70 e estabelece-se como interviniente nas práticas de ensino da língua materna na década de 80. É, portanto, relativamente nova a preocupação do ensino com a língua oral. Talvez pelo fato de a língua oral pré-existir à escola, ou talvez porque seja esta a única atividade que exija apenas aperfeiçoamento e não “aprendizagem”, ou ainda pelo fato de a língua escrita ser aquela modalidade que tem prestígio social, os cursos de língua materna, como salienta Milanez (1993:15) “deixem muito a desejar no que diz respeito à preparação do aluno para um desempenho comunicativo em sociedade.”

Júdice (1988:42), estudando a produção textual, acusa a escola e a sociedade de supervalorizarem a escrita. Segundo ela, tanto em uma quanto na outra, “o papel tem prioridade sobre a palavra” e sugere que sejam valorizadas as atividades verbais de interação e comunicação em lugar do ensino prescritivo da gramática.



Cagliari (1995:28) revela que tradicionalmente a escola tem se apegado à gramática normativa e à metodologia de exigir redações e fichas de leitura. Para ele, a função do professor é ensinar aos alunos o que é uma língua, suas prioridades e usos e não o significado ou o plural dessa ou daquela palavra e a que categoria pertence uma determinada palavra.

Castilho (1986:02), por sua vez, ressalta que a Língua Portuguesa deve ser ensinada como atividade e para que isso ocorra a língua oral deve ser tomada como ponto de partida dessa atividade, e a escrita como ponto de chegada. Queremos ressaltar que a língua oral também pode constituir a meta de chegada.

Entretanto, a pesquisa vai nos mostrar, apesar de todas as críticas feitas em relação à importância dada ao ensino da modalidade escrita da língua, que enfatiza a gramática como representação correta da língua (Ilari,1988:27), que a Universidade se constitui num lugar onde dificilmente o aluno encontrará treinamento específico para a língua oral (Milanez,1993:15).

A seção que se segue trata do ensino do Inglês-LE, o qual com sua ênfase na língua escrita, não se apresenta muito diferente do ensino do Português-LM.

### **2.3 O Ensino do Inglês-LE**

Durante longo tempo, pelo menos até os anos sessenta, o ensino de língua estrangeira concentrou-se na língua escrita, a qual era tida como a língua da literatura e da erudição. Qualquer estudante de LE com instrução formal, conseqüentemente, deveria ter acesso à literatura no idioma original (Brown e Yule, 1983). Provavelmente pelo fato de todos serem capazes de falar, a língua oral nem sempre foi considerada uma habilidade maior e sim, apenas uma forma popular de expressão que usava o pouco prestigiado registro coloquial.

Com as contribuições da *abordagem comunicativa*, porém, a qual passou a ter maior difusão no ensino/aprendizagem de LE a partir de meados dos anos 70, a língua passou a ser vista não apenas a partir de suas estruturas (gramática e vocabulário), mas também em termos das funções comunicativas que ela desenvolve (Littlewood, 1981:01).

Nesse contexto, a língua oral passou a ser valorizada como meio de expressão. A ênfase, até então na pronúncia, deslocou-se para a busca da *fluência oral* em linguagem adequada, diversificando-se o uso de estratégias específicas para a aquisição oral.

Entretanto, mesmo com a *abordagem comunicativa* e seus pressupostos teóricos, que aliam contribuições de abordagens anteriores àquelas da sociolinguística, da psicolinguística, etc., e mesmo com o material didático refletindo essas novas tendências, o professor, de um modo geral, continua preso a estratégias que privilegiam o ensino da gramática em detrimento da língua oral. (Neves, 1996:70).

### 3. METODOLOGIA

Este estudo tem caráter etnográfico. A opção se justifica pelo cunho exploratório que esse tipo de pesquisa apresenta, pela ênfase que ela dá ao processo e, principalmente, pelo seu foco no contexto social sob a perspectiva dos participantes desse contexto.

A pesquisa foi realizada durante dois meses, numa unidade voltada exclusivamente para a formação de professores, numa universidade pública do Estado do Rio de Janeiro, localizada na Região Metropolitana. Na unidade, a pesquisadora atua como professora.

Os sujeitos da pesquisa são seis formandos do curso de Letras (Português/Inglês), com idades variando entre 22 e 27 anos e professores do mesmo curso (quatro no total: dois de Língua Inglesa e dois de Língua Portuguesa).

A pesquisadora optou por este contexto para estudar a *fluência oral*, porque julgou que poder pesquisar em um curso de formação de professores, a concepção de “alunos-professores” a respeito de *fluência oral* tanto em LM quanto em LE poderia fornecer subsídios teóricos e práticos relevantes sobre a formação de professores nesse particular. Ademais, uma turma de formandos demonstra maior experiência em relação à aprendizagem de línguas. Como são aprendizes adultos, têm melhores condições de relatar esse aspecto de sua aprendizagem, trazendo indicações àqueles que desejam orientar ou auxiliar alunos em seus estudos.

Para a coleta de dados e a análise dos resultados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas (seguindo um roteiro básico) com alunos e professores, combinadas com questionários escritos (estes em número de dois e somente para alunos) e anotações de campo. As entrevistas foram áudio-gravadas.

Os questionários (ver anexos 1 e 2, p. 23-26) foram usados com o intuito de obter informações para se caracterizar o perfil dos participantes alunos. As notas de campo, por sua vez, foram tomadas durante as entrevistas pelo próprio entrevistador. Um professor foi entrevistado via Internet.

### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente apresento os dados relativos aos questionários respondidos pelos informantes, nos quais procurei traçar o perfil destes formandos de Letras, bem como obter algumas informações preliminares sobre o ensino das duas línguas.

Em seguida, transcrevo trechos que considero relevantes, tanto dos alunos-participantes quanto dos professores, com relação a questões envolvendo o ensino/aprendizagem do Inglês-LE e do Português-LM falados.

#### 4.1 Os questionários

Os seis formandos que responderam aos questionários amoldavam-se ao perfil traçado de início, ou seja, estavam suficientemente motivados com o curso que concluíam e quatro deles já estavam atuando como professores. No questionário

dedicado a obter informações sobre o comportamento do aluno no que diz respeito à aprendizagem de Português-LM, três participantes declararam ter cursado o ensino fundamental e médio em escola particular, os restantes em escola pública. Todos residem na zona norte da cidade (considerada uma área pouco nobre da cidade). Dos seis, dois já trabalham como professores. Todos afirmaram que os professores de Língua Portuguesa do curso de Letras privilegiam a língua escrita e atribuíram esse fato a dois motivos principais, a saber: o grande número de alunos por turma, o que dificulta a prática da língua oral e a facilidade de se avaliar por meio da língua escrita. Declararam que os professores não dão exercícios ou atividades para desenvolver a *fluência oral*. Dos seis, apenas um não exerce outra atividade além daquela de estudante. Dois são professores de inglês, dois são professores do terceiro ciclo do ensino fundamental e um, exerce outra atividade que não é de magistério. Quatro declararam ter melhor desempenho na parte oral e os outros na parte escrita.

No questionário que envolvia o ensino/aprendizagem de Inglês-LE, todos responderam que decidiram cursar Letras (Português/Inglês) com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos em Língua Inglesa. As expectativas estavam voltadas para o domínio da língua oral. Os seis já ingressaram na universidade tendo cursado inglês em escolas de idiomas. Dois haviam cursado quatro anos; um, seis anos; um, cinco anos; um, nove anos e um, dez anos. Os seis tiveram aprendizagem continuada. Acrescente-se que todos concluíram o nível avançado. Ressalte-se ainda que dois classificaram seu desempenho oral como ruim, atribuindo o fato à falta de prática, e os restantes descrevem-no como bom.

## **4.2 Entrevistas com os formandos**

Torna-se necessário esclarecer que, como as entrevistas foram feitas com os participantes reunidos em uma única sala, houve momentos em que todos falaram ao mesmo tempo ao se pronunciar sobre determinado assunto, mas houve também momentos em que um ou outro ficou calado ou não se sentiu a vontade para emitir qualquer opinião. É por esse motivo que a determinadas perguntas, há referências a alguns e não a outros participantes. Seguem-se os assuntos abordados, transcrições do que disseram e comentários da pesquisadora a respeito das respostas dadas.

### **4.2.1 Ensino da Língua Inglesa:**

(a) Que *fluência oral* vocês apresentavam ao entrar no curso e com que *fluência* estão saindo?

A primeira pergunta feita aos formandos procurava saber que *fluência oral* em Inglês-LE exibiam quando iniciaram o Curso de Letras e se o curso havia feito alguma coisa para melhorar o seu desempenho oral. Selecionei algumas respostas que passo a transcrever. Com o intuito de salvaguardar a identidade dos participantes, passarei a nomeá-los A, B, C, D, E, F.

Aluno A: *Eu falava. Mas não era assim aquele inglês fluente, maravilhoso, que eu gostaria de ter apesar de ter feito 7 anos de cursinho de inglês... Mas eu pensei também que aqui eu iria falar bem mais mesmo... Eu acho que em relação a essa parte falta mais trabalho nessa área. ... eu acho que poderia ter mais matérias tipo expressão oral e escrita que você fala, que você escreve.  
... eu posso estar errada, mas eu acho que o estudo da fonética é fundamental para você falar fluentemente.*

Aluno B: *“No curso de Inglês eu já praticava muito mais e eu gostava também de falar, me comunicar com as outras pessoas e quando eu entrei aqui na faculdade... e daí por diante foi um desastre porque não tem grupo de conversação na faculdade, a gente só fala inglês quando vai apresentar trabalhos, seminários...  
... “um retrocesso, foi um retrocesso. Porque eu vinha praticando, conversava bastante e depois (incompreensível) eu parei.... Principalmente em termos de vocabulário. Eu esqueci muita coisa. Tem muita coisa que eu já esqueci...”*

Aluno C: *Eu já entrei com pouca fluência porque eu não praticava e eu continuei sem praticar. Eu acho que no curso o contato com inglês bem maior do que aqui. Aqui então piorou. Se eu já não tinha, aqui então ...*

Aluno D: *Eu acho que eu melhorei, mas não necessariamente por causa do meu contato com a faculdade, porque pelo que eu percebo aqui há uma priorização muito maior da parte escrita do que da parte oral e eu acho que através de pesquisa você vai buscando meios, você vai tentando novas alternativas para que você fale melhor, para que você consiga entrar em contato com pessoas que falam também, que gostam da língua inglesa. Então essa é uma forma de você se maneira e ... em contato com a língua. Já que aqui dentro esta oportunidade é mínima.*

Aluno E: *Acho que melhorou, por causa da fonética. O que melhorou mais foi dar aula.*

Aluno F: *A faculdade fez muita coisa. Eu aprendi muito. Fez muito pouco pela parte oral, mais na parte escrita, principalmente na escrita. Trabalhos imensos, análise de textos. Parte oral, eu acho difícil, porque as turmas são grandes. É, a parte oral aqui na faculdade é bem pouco utilizada... Aqui na faculdade a gente fala muito pouco. Eu falo razoavelmente bem porque já dou aula falando inglês o tempo todo...*

Conclui-se do depoimento dos entrevistados que pouco fez a faculdade pelo desenvolvimento da *fluência oral* dos agora formandos. De um modo geral, disseram que falavam melhor quando entraram do que após quatro anos de curso universitário. Diante da surpresa da pesquisadora, explicaram que àquela época todos estavam cursando ou já haviam concluído os últimos períodos dos cursos de inglês que freqüentavam em escolas de idiomas. Apesar de ainda não se considerarem fluentes, sentiam-se prontos para desenvolver a *fluência* tão desejada. Decepcionaram-se, todavia, ao constatar que no Curso de Letras, com exceção de uma única disciplina que



enfaticava a parte escrita mais do que a oral, não havia qualquer incentivo ao desenvolvimento da *fluência* oral em Língua Inglesa.

Uns acham que a faculdade não é o lugar ideal para aprender a falar e sugerem que o aluno já venha com um certo conhecimento. Outros atribuem o fato da pouca prática oral ao número excessivo de alunos por turma.

### **(b) O que é *fluência* oral?**

*Aluno A: Pra mim ser fluente é você conseguir manter uma conversação e sem falar errado. O som certo, a fonética certa. As estruturas gramaticais de uma maneira correta. Ser fluente é isso: é você conseguir falar de uma maneira clara, correta (risos).*

*Aluno B: Não é falar rápido. É você também usar a entonação certa. Juntar as palavras de uma forma certa e você também não ficar demorando muito tempo pra você se expressar, porque isso é uma coisa cansativa para as pessoas que querem escutar a sua opinião. Você querer se expressar e ficar 20 minutos tentando achar a palavra ideal. É você saber se comunicar. Não é falar bonito.*

*Aluno C: Conhecimento de vocabulário, coerência de idéias, uma organização de pensamento. Enfim, todas essas coisas contribuem para uma boa *fluência*. Não é falar bonito, é passar sua mensagem, sem demorar. Você ser objetivo.*

*Aluno D: É tentar se adequar às diferentes situações de linguagem a que é exposto. É uma pessoa que faz ajustes às diferentes situações. Essa é uma pessoa fluente.*

*Aluno E: Rapidez não é sinônimo de *fluência*, eu... eu penso assim. Eu acho que a pessoa que é fluente é aquela pessoa que tem vocabulário pra falar o que der na cabeça, não importa a rapidez. Acho que *fluência* é você falar aquilo que tiver vontade...*

*Aluno F: É você ser espontâneo, sem precisar ficar pensando, ficar nervosa.. Como você faz no português. Lógico que tem que ter pronúncia correta, tem que ter gramática correta, também. Mas eu acho que a pronúncia é mais importante do que a gramática. Pode-se errar quando se está falando. Porque esticou um i um pouquinho já quer dizer outra coisa. Má pronúncia sai prejudicado.*

Muitos associam *fluência* oral a ter conhecimento da fonética da língua. Falar com rapidez também é tido como ser fluente em língua oral. A adequação da linguagem aos diferentes registros, amplo vocabulário para dizer o que se quer, em qualquer situação, também foram apontados como sinônimos de *fluência* oral. Interessante foi o fato de todos, no momento da entrevista, estarem compartilhando o mesmo espaço e conversando sobre a questão da *fluência* e ninguém ter sugerido que um bom conceito de *fluência* poderia englobar todas as alternativas que foram sugeridas por cada um dos participantes da entrevista. A partir do que disseram a respeito da noção de *fluência*

chegamos ao seguinte conceito: *fluência* significa ter boa pronúncia, exibir entonação correta, gramática correta com pequenos desvios, demonstrar coerência de idéias, possuir vocabulário amplo e também adequado às diversas situações de linguagem e apresentar uma certa rapidez ao falar.

Esse conceito, de certa forma, remete-nos ao proposto pela teoria, citado anteriormente.

(c) Há alguma disciplina voltada para a expressão oral ou qualquer preocupação dos professores de Língua Inglesa com essa parte?

*Aluno A: Eu acho que em relação a essa parte falta mais trabalho. Porque eu penso assim: faculdade não é aquele lugar pra você aprender a falar; eu acho assim que quando você pensa em faculdade de inglês você já tem que ter um certo conhecimento e ali você vai aprofundar seus conhecimentos, mas não é um lugar específico pra você aprender a falar. Mas, eu acho que poderia ter mais matérias tipo Expressão Oral e Escrita que você fala, que você escreve....*

*Aluno B: Mas a Expressão Oral e Escrita daqui é mais escrita do que oral....*

*Aluno C: Pelo menos quando eu fiz, foram as duas coisas. Eles trabalhavam bem balanceado: sempre a oral e a escrita numa balança, né? Pelo menos comigo foi assim. Eu acho que poderia ao invés de ser só um período, poderiam ser dois períodos: Expressão Oral e Escrita I e II, por exemplo. As pessoas vêm pra cá, sabem falar mas ficam com medo, ou têm vergonha, não sei. Aí eu acho assim com um ano de curso você teria mais tempo de desenvolver.*

*Aluno D: É engraçado aqui. Os professores acham que a gente já tem que chegar aqui falando muito bem. Tudo bem, mas não é por isso que eles não vão dar trabalho nenhum para melhorar a fluência que muitos, mas muitos mesmo já trazem de fora. Eles exigem que a gente fale, mas além dos seminários, não há outro trabalho para desenvolver a fluência oral, e eu duvido que haja algum professor que atribua alguma nota ao desempenho oral do aluno. Só avaliam conteúdo, com certeza.*

*Aluno E: Professora, sabe qual é a verdade nua e crua: não há, nem em língua inglesa, grandes preocupações com a expressão oral do aluno.*

Todos os alunos afirmaram que não existe qualquer preocupação real com seu desempenho oral e até mesmo a disciplina (Expressão Oral e Escrita em Língua Inglesa) é muito mais oral do que escrita.

(d) O que é ser um bom professor de inglês?

Aluno A: *Ele tem que se sentir estimulado, Ele tem que sentir vontade de dar aula. Eu tenho que saber o que eu estou falando. Não é porque os alunos não sabem é que eu vou dar qualquer coisa.*

Aluno B: *Ele tem que falar inglês. ele tem que saber falar inglês.*

Aluno C: *É aquele que tem um conhecimento bem profundo da língua.*

Aluno D: *O professor tem que saber o que está falando. Não é porque os alunos não sabem, que ele vai dar qualquer coisa.*

Aluno E: *Ele tem minimamente que falar inglês. Tem professor aqui que nem inglês fala. Quanto mais ele fala inglês, mais os alunos se sentem estimulados. Eles o valorizam como profissional, até mesmo como pessoa.*

De um modo geral, consideram que o bom professor é aquele que tem conteúdo. Percebe-se que, talvez pela própria formação que o Curso de Letras dê a seus alunos, estes consideram o bom professor como aquele que sabe a matéria. Não há qualquer menção a trabalhar desempenho oral.

(e) Você é submetido a alguma avaliação de desempenho oral ?

Foi-lhes perguntado se havia alguma avaliação de desempenho oral. Seguem-se algumas respostas:

Aluno A: *Não. Só em prática de ensino que uma professora pediu para que nós colocássemos algumas observações dos nossos colegas mas mesmo assim isso não influenciou na nota. Nota mesmo que tinha era dos trabalhos escritos.*

Aluno C: *Não, não. Nenhuma avaliação de desempenho oral.*

Aluno D: *Não. Somente uma professora comentava a parte oral, mas nenhum conceito. Nunca teve esse quesito.*

Aluno E: *A gente precisa chegar até prática de ensino para que alguém avalie a nossa expressão oral e aí não tem mais jeito. Não é avaliação para desenvolvimento, é avaliação pra dizer que a gente não tem condição nenhuma de ser professor de inglês porque não sabe falar.*

Aluno F: *Aqui na faculdade a gente fala inglês quando vai apresentar trabalhos, seminários. Mas, o professor só avalia o conteúdo dos seminários.*

Como já evidenciado em respostas anteriores, já que não existe preocupação com o desempenho oral, não há, portanto, instrumentos para esse tipo de avaliação. Sequer a preocupação em criá-los.

#### 4.2.2 Ensino da Língua Portuguesa:

(a) Como era seu desempenho oral ao entrar para a universidade e o que nela se fez para melhorar seu desempenho oral?

*Aluno A: Eu tive uma boa formação, Principalmente na parte de gramática. Não falava errado, numa linguagem que era compreendida por todos, e também que era usada pelos professores na sala de aula. Depois que eu entrei na faculdade a minha parte de estudo de português ficou de lado. Quando eu entrei na faculdade eu sabia bastante português, agora eu sei menos.*

*Aluno B: Aprendi muita gramática, muita gramática. Escrevi dezenas de redações e pronto.*

*Aluno C: Acho que a faculdade fez muito pelo meu português escrito. Escrevo melhor agora. Acho também que falo melhor porque eu leio mais e também escrevo mais. Mas, posso garantir que não houve nenhum trabalho específico nesse sentido.*

*Aluno D: Eu achei que ia chegar aqui e ia falar melhor ainda....*

*Aluno E: Parece que você aprende duas línguas. A Gramática está numa gavetinha e a fluência está lá noutra gavetinha. Você aprende gramática pra caramba...*

Pode-se concluir que a situação do ensino/aprendizagem do Português-LM no que diz respeito à *fluência oral* muito se assemelha a do Inglês-LE. Ensina-se gramática, faz-se com que os alunos leiam e produzam textos escritos. Entretanto, não há o qualquer interesse em desenvolver a expressão oral desses que são futuros professores.

(b) Há alguma disciplina voltada para a expressão oral ou qualquer preocupação dos professores de Língua Portuguesa com essa parte?

*Aluno A e B: Não, não (as falas se superpuseram).*

*Aluno B: Só a nível de repreensão mesmo. Quer dizer, as vezes o aluno comete um erro assim na pronúncia, ou gramatical o que for. O professor não gosta e na hora mesmo ele corrige.*

*Aluno C: Não. No curso de literatura eles têm uma cadeira chamada Técnicas de Comunicação e Expressão que, acredito seja voltada para essa questão da expressão oral.*

*Aluno D: Mas eu assisti a uma aula desse curso e é dinâmica em sala de aula. Não tem nada a ver com expressão oral.*

*Aluno E: Eu acho que ia chegar aqui e ia falar mais ainda.*



Aluno F: ... o que a gente vê na maioria dos casos é o ensino da gramática pela gramática. Como é que aquilo vai funcionar numa situação real? Até porque nós somos falantes de língua portuguesa e a gente vê esses conteúdos serem passados de maneira falsa. É como se a gente estivesse desvinculado daquilo que está sendo mostrado na sala de aula. É como se não fosse a realidade que a gente vivencia o dia todo. Eu acho que os professores não estão levando a realidade para a sala de aula. Os professores separam você falante da Língua Portuguesa lá fora do momento que você vivencia a língua portuguesa enquanto conteúdo aqui dentro.

Talvez por serem todos falantes da língua, não se levou em conta o fato de que há que se trabalhar a expressão oral, principalmente porque serão professores e farão uso da palavra como instrumento de trabalho.

(c) O que é fluência oral?

Aluno A: Você tem que se comunicar. Fluência de um professor de português é completamente diferente; você não vai entrar dentro de sala e falar a gente fomos. Você tem que se preocupar em falar corretamente. Quanto mais você falar errado mais você vai ter dificuldade em escrever. E a comunicação fica prejudicada.

Aluno B: Eu acho superimportante nessa questão da Língua Portuguesa é a adequação da linguagem. Você tem que saber que tipo de linguagem você vai usar em determinados lugares, né? Bechara fala que assim como a gente tem essa preocupação de por uma roupa melhor quando vai a uma festa, a mesma coisa é a linguagem. Se você está conversando com seu vizinho, você conversa de uma maneira mais despreocupada, né? Palavras mais coloquiais. Agora se você vai arranjar um emprego, né? Você já procura usar palavras mais rebuscadas. E em sala de aula, o professor tem que se adequar à clientela dele, os alunos dele. Se são pessoas que se comunicam muito precariamente...

Aluno C: As pessoas acham que fluência significa rapidez. Mas há pessoas que falam tranquilamente. Então não é uma questão de você conhecer ou não a língua. Rapidez não é sinônimo de fluência. Eu penso assim. Acho que uma pessoa fluente é aquela que tem um amplo vocabulário para falar aquilo que der na cabeça. Não importa a rapidez. Claro que você podendo falar tudo que você tiver vontade com uma certa velocidade, é bom. Rapidez é muito relativo. Há pessoas que têm o dom mesmo de falar rápido.

Aluno D: Olha, pra mim é saber falar de tudo, em qualquer momento e em qualquer situação, sem dificuldade. Acho também que a gente aprende tanta gramática que a gente quando fala quer falar tudo certo.

Aluno E: É saber se comunicar mesmo falando errado.

Aluno F: Seria a pessoa falar corretamente para cada situação...

Os alunos consultados compartilham a idéia de que há que se adequar a linguagem à situação de comunicação e esse fato é tido por eles como um dos significados de *fluência*. O mito do falar corretamente, com gramática livre de erros, não esteve presente na preocupação desses alunos ao definir *fluência oral*.

Percebo que esses alunos ainda não têm uma concepção clara sobre o que seja ser fluente em Língua Portuguesa, até porque esta não se constitui uma preocupação do curso que freqüentam. Um outro ponto a considerar é se existe alguma diferença entre ser fluente em Língua Inglesa e Língua Portuguesa. Pelas respostas dadas, acredito que não tenham considerado essa distinção.

(d) O que é ser um bom professor de Língua Portuguesa?

Aluno A: *É aquele que deixa o aluno seguir seu próprio caminho. Não vem com respostas prontas.*

Aluno C: *Tem que saber muito para ser um bom professor de língua Portuguesa. Tem que saber muita gramática, tem que ler muito...*

Aluno D: *É aquele que tem um conhecimento profundo da língua...*

Aluno E: *Ele trabalha a parte oral, a parte escrita, a gramática...*

Com exceção de uma resposta na qual percebe-se que o aluno vê o professor como *facilitador*, de modo geral, para o aluno o bom professor é aquele que tem conhecimento, de preferência todo, e *passa* esse conhecimento para o aluno que, passivamente, o apreende ou não.

(e) Você é submetido a alguma avaliação de desempenho oral?

Aluno A: *Atividade formal, proposta pelo currículo? Não, não há.*

Aluno B: *O que há, professora, é um ou outro professor que passa um seminário.*

Aluno C: *Mas, no seminário o professor não avalia a expressão, só o conteúdo.*

Aluno D: *Nós aqui só temos atividades escritas e conseqüentemente avaliação dessas atividades.*

Aluno E: *Acho que porque nós falamos português, os professores acham que a gente já se expressa muito bem oralmente.*

Aluno F: *Aqui mesmo na faculdade, há professores que não conseguem se expressar bem oralmente, são enrolados pra falar, castigam a gramática, a concordância, nem se fala.... Imagine a gente, professor de português, com esse tipo de problema! E é bem capaz de acontecer porque eu não sei de nenhuma disciplina que se preocupe em*

*desenvolver ou avaliar o desempenho oral dos alunos. É uma pena! Aliás, eu mesma nunca tinha pensado nisso! Achava natural que não tivesse. Agora que a senhora está colocando esta questão é que eu estou me dando conta de que: é mesmo, não tem nenhuma disciplina preocupada com a expressão oral e nenhuma avaliação do nosso desempenho!. É, tinha que ter.*

Pelos depoimentos, conclui-se que não há qualquer avaliação de desempenho oral. Percebe-se mesmo alguma surpresa quando se pergunta se existe tal preocupação.

Todos admitiram ter aprimorado seus conhecimentos tanto em Língua Inglesa quanto em Língua Portuguesa, mas não na parte oral. Esta, segundo os entrevistados, ficou para trás. Em Língua Inglesa, salientam que conseguem falar porque já tinham feito escola de idiomas e por já estarem atuando como professores de inglês. Como tais, exigem-se-lhes que falem inglês. Os que não atuam como professores de inglês, queixaram-se de fraco desempenho oral. Em Língua Portuguesa, o caso parece ser mais grave. Ampliando e fazendo minhas as palavras de Milanez (1993:23), ressaltamos que as escolas de ensino fundamental e médio e a universidade, infelizmente se constituem em lugares onde dificilmente o aluno encontrará treinamento específico para desenvolver a língua oral.

Coincidentemente, todos os alunos afirmaram que não existe qualquer disciplina que cuide do seu desempenho oral. Afirmaram que a única atividade que talvez pudesse ser considerada como prática de expressão oral é o seminário. Mas, mesmo por esse instrumento, sua expressão oral não é avaliada. Tal afirmação foi unânime.

#### **4.3 Entrevistas com os professores:**

##### **4.3.1 Ensino da Língua Inglesa**

(a) O que significa ser um bom professor de Inglês?

Foi perguntado o que significa ser um bom professor de inglês, na perspectiva daqueles que atuam no dia-a-dia. Transcrevo a seguir algumas das respostas que me foram dadas.

Professor A: – *Um professor de inglês fala inglês. Quer dizer, ensina inglês. Ou melhor, fala inglês, ensina inglês em inglês.*

– *Um professor de inglês dita em inglês, escreve em inglês.*

– *... corrige os erros de seus alunos, tanto oralmente quanto por escrito.*

– *... muitas vezes corrige até oralmente.*

– *... corrige pronúncia também.*

– *Elabora provas em inglês.*

Professor B: – *... lê em inglês.*

– *... assiste a vídeos em inglês; ouve fitas em inglês.*

– *... traduz do inglês para o português, e do português para o inglês.*

A partir dessas respostas, pode-se depreender o que significa ser um bom professor de inglês. Aprende-se que para ser um professor de inglês é necessário falar inglês. Ao falar inglês, ele será capaz de executar com êxito todas as tarefas que cabem a um professor de inglês, tais como: ditar, escrever, corrigir seus alunos oralmente, elaborar provas, ler, assistir a vídeos, traduzir.

(b) Qual o seu conceito de *fluência oral*?

Professor A: – ... *ser fluente é saber o quê usar e quando.*

– ... *ser fluente é fazer uso correto do léxico, da sintaxe. É ter pronúncia correta e alcançar um equilíbrio entre correção e fluência.*

– ... *mais fluência do que correção.*

– ... *no nosso dia a dia 80% se reduzem à expressão oral.*

– ... *ter capacidade para se comunicar, com consciência de que a fluência oral é primordial. É muito insatisfatório ter de ensinar inglês através do português. O professor tem que trabalhar usando a língua. A língua é o instrumento.*

Professor B: – ... *ser fluente é ser capaz de usar estruturas sintáticas e vocabulários adequados à ocasião e ao registro respectivamente. A pessoa fluente tem que ter consciência das diferenças existentes entre discurso oral e escrito para não fazer uso de uma linguagem artificial. Essa pessoa tem que ser capaz de adequar sua intenção ao uso da língua, selecionar o que dizer de acordo com as situações.*

– ... *tem que ser capaz de se comunicar com as pessoas na língua-alvo, sem cometer erros de gramática ou de pronúncia. Deve evitar também o sotaque abrigado e deve ser capaz de falar sobre qualquer assunto na língua.*

– ... *saber se comunicar, entender o que o outro está dizendo.*

– ... *saber colocar as palavras certas dentro de um contexto para que possa ser entendido.*

– ... *saber se expressar em qualquer situação sem o tradicional: “como é que eu falo isto?”*

Em resumo, para os entrevistados, um professor fluente precisa fazer uso da língua-alvo com correção lexical e sintática, precisa exibir pronúncia correta, sem sotaque significativamente marcado pela língua materna, precisa ainda reconhecer os diferentes registros para ser capaz de usar a língua oral adequadamente.

(c) Como você desenvolve o desempenho oral de seus alunos?

Professor A: - *Considerando que o currículo é mais escrito ... eu faço ( ) são atividades de redação acompanhadas sempre de um debate, debate da turma inteira. Então eles escrevem, lêem o que escreveram e os diversos alunos apresentam um ponto de vista diferente sobre aquilo que foi escrito e comentado. E todas as atividades que eu faço inclusive exercícios que normalmente seriam corrigidos apenas de forma escrita eu estimo que eles criem novas frases e novos discursos sobre aquele assunto que foi, foi exercitado. Porque no início, no início eles tinham (...) então eu estipulei uma forma de*



*exame e o exame era uma redação só que pra que nós chegássemos a essa redação que valeria como prova nós fizemos várias outras, (incompreensível) várias outras como exercício. E ao final do semestre eu percebi que o desenvolvimento tinha sido muito grande.*

**Professor B:** - *Tenho que admitir que o meu curso é mais escrito do que oral. aiás, só escrito. Eu até programo uns seminários, mas não atribuo nenhuma nota ao desempenho oral do aluno.*

É lamentável comprovar que um Curso de Letras que se propõe a formar professores de inglês, não se preocupe mais objetivamente e mais sistematicamente com o desempenho oral desses futuros professores. É lamentável, também que seus professores compactuem com esses tipo de orientação.

(d) Que tipo de avaliação você aplica?

**Professor A:** *A avaliação da expressão oral do aluno é feita através dos seminários. Dentre os critérios, incluo sempre o desempenho oral do aluno. Mas, confesso que minha preocupação maior é com o conteúdo, até porque o currículo está voltado mais para a expressão escrita e a leitura do para a expressão oral propriamente dita. Só avalio expressão oral porque é língua estrangeira.*

**Professor B:** *Infelizmente só há uma disciplina, ministrada em apenas um semestre dedicada à expressão oral. E, por sinal, ela também trata do desempenho escrito do aluno. No final das contas, não serve nem para uma coisa, nem para outra*

Os professores, como os alunos, afirmaram não haver uma disciplina que cuide da expressão oral. Referiram-se ao seminário como, talvez, a única prática usada para tal tipo de avaliação.

#### **4.3.2 Ensino da Língua Portuguesa:**

(a) Qual o seu conceito de *fluência oral*?

**Professor A:** *Acredito que ser fluente em Língua Portuguesa é falar com desenvoltura e de acordo com a conveniência social em que se desenvolve a fala.*

**Professor B:** *É a capacidade que tem uma pessoa de comunicar e expor seus pensamentos, suas idéias com base na coerência e coesão, tendo em vista também a correção e concisão, a clareza, a precisão, a naturalidade, a originalidade, a elegância, a harmonia e em alguns casos, a nobreza e o colorido da linguagem.*

Percebe-se que o conceito de *fluência* emitido pelos professores em muito se assemelha ao que a teoria aponta como ideal. No entanto, pelas respostas dadas tanto pelos alunos quanto pelos professores, conclui-se que parece haver um desacordo entre

o que dizem os professores teoricamente e o que praticam realmente na sala de aula, ou seja, desenvolvem um ensino bastante calcado em práticas antigas de correção pura e simplesmente, sem qualquer consideração à parte prática, de uso da língua.

(b) Como você desenvolve o desempenho oral de seus alunos?

Professor A: *Admito não ter qualquer tipo de preocupação com o desempenho oral de meus alunos e sinceramente não acredito que haja, entre meus colegas, preocupação desse tipo.*

Professor B: *Preocupo-se com o desempenho oral de meus alunos. Faço-os expor oralmente seu ponto de vista sobre alguma questão do programa. Admito que não existe no currículo qualquer disciplina relacionada à fluência oral e realmente, isso é lamentável uma vez que o professor vai precisar dessa fluência oral para ministrar suas aulas.*

Duvida-se que haja de fato algum interesse pelo desempenho oral, apesar da afirmação do professor B. Acredita-se que, ouvida a pergunta, o professor tenha de certo modo, ficado envergonhado de nunca ter sequer pensado a respeito do assunto e tenha revelado ter essa preocupação. Todavia, admitiu posteriormente estar mais voltado para o conteúdo do que para a expressão oral propriamente dita.

(c) O que é ser um bom professor de Língua Portuguesa?

Professor A: *Parece-me que é ser um bom professor de leitura, entendimento e produção de textos, que saiba justificar a norma culta da língua através da gramática tradicional (para o nível básico e médio) e que saiba orientar lingüisticamente seus alunos (de nível superior) quanto aos níveis da linguagem,*

Professor B: *Saber bastante, com humildade. O professor deve estudar sempre a fim de poder lecionar com segurança. Ele deve possuir um domínio completo da disciplina ministrada. Ao perguntar, o professor já deve saber compreender os motivos da pergunta e ter a resposta correta, deve ainda possuir um conhecimento técnico de retórica e bons recursos de oratória. Dar suas aulas com argumentos persuasivos, dentro da lógica, da coerência, da coesão me nunca desprezar a linguagem correta de acordo com parâmetros da norma culta do idioma.*

Basicamente o bom professor é aquele que “sabe a matéria” e a “passa” para o aluno. Para esses dois últimos professores, o professor representa aquela figura que tudo sabe, apesar da expressão “com humildade”.

(d) Que tipo de avaliação você realiza?

Professor A: *Acredito que meus colegas avaliem o desempenho oral de seus alunos através de seminários e práticas semelhantes. Eu próprio não faço este tipo de avaliação.*

Professor B: *Quando eu peço para o aluno expor algum ponto do programa, eu observo a fluência oral desse aluno.*

Não satisfeita com a resposta do professor (B) por achá-la vaga, perguntei-lhe se ele atribuía a essa *fluência oral* algum conceito, alguma nota. Respondeu-me afirmativamente, mas ressaltou que o mais importante para ele era o conteúdo.

Coincidentemente, os professores também afirmaram não haver qualquer disciplina que cuide da expressão oral dos alunos. Referiram-se ao seminário como, talvez, a única prática usada para avaliação do desempenho oral dos alunos.

## CONCLUSÃO

Levando-se em conta o que professores e alunos, participantes da pesquisa, disseram sobre o tratamento que é dado ao ensino do Português-LM e do Inglês-LE falados, conclui-se que há um enorme descompasso entre o que a teoria aponta como ideal, ou seja, um ensino voltado para o uso da língua, e o que realmente acontece na sala de aula.

Na sala de aula, apesar de toda a contribuição que os estudos lingüísticos trouxeram ao ensino de línguas, com base nos depoimentos dos sujeitos pesquisados, percebe-se que o professor continua ensinando gramática a partir de nomenclaturas, regras e classificações. Continua fazendo com que os alunos leiam e produzam textos escritos, parecendo não demonstrar qualquer preocupação com o desenvolvimento da expressão oral.

A falta de interesse pelo desempenho oral do aluno se faz presente no currículo do Curso de Letras (Port./Inglês). Em Língua Inglesa existe apenas uma denominada “Expressão Oral e Escrita”. Em Língua Portuguesa, a situação é ainda mais surpreendente. Talvez pelo fato de serem os alunos falantes da língua, supõe-se que já a dominam com perfeição, não precisando de qualquer desenvolvimento nessa modalidade. Assim, não consta do currículo de Língua Portuguesa uma disciplina sequer voltada para a expressão oral.

A partir dos depoimentos dos informantes pudemos também comprovar que a avaliação, por sua vez, privilegia a língua escrita.

Quanto ao conceito de *fluência oral*, o qual a pesquisa se propôs delimitar, há duas considerações a fazer: a primeira, com relação ao conceito emitido pelos participantes alunos. Percebeu-se que a noção de *fluência* que detêm está muito voltada para o conhecimento da pronúncia da língua, em seus aspectos segmental (palavras) e suprasegmental (acento de intensidade, entoação). Foi preciso unir todas as respostas dadas para se chegar a um conceito mais amplo de *fluência oral*. Um conceito que não enfocasse apenas a boa pronúncia vocabular e frasal, mas a velocidade, a coerência de idéias, a criatividade, a correção sintática e gramatical e a adequação aos diferentes

registros. A segunda consideração diz respeito à pesquisa feita com os professores. Estes, apesar de terem emitido um conceito bem próximo ao apontado pela teoria, ainda desenvolvem na sala de aula um ensino voltado sobretudo para a língua escrita, em nada ampliando a capacidade comunicativa do aluno.

Destaca-se que um Curso de Letras que se propõe a verdadeiramente formar professores de Português e de Inglês deverá também estar direcionado para o desenvolvimento e estudo da língua oral. Com relação à Língua Portuguesa, Júdice (1997:36) salienta que “a oralidade afigura-se como patrimônio de todos” que deve ser consolidado. Com relação à Língua Inglesa não nos esqueçamos de que ela é estrangeira no Brasil. Assim sendo, os alunos têm pouco ou quase nenhum apoio para aperfeiçoá-la fora da sala de aula. É por essa razão que a sala de aula deverá servir, nas condições emergenciais em que flagramos os cursos de Letras, de espaço de aprendizagem tanto para o aluno quanto para o professor com sérias limitações na sua produção oral.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, G. e YULE, G. (1983). *Teaching the Spoken language: An Approach Based on the Analysis of Conversational English*. Cambridge: CUP.
- BYGATE, M. (1987). *Speaking*. Oxford: Oxford University Press.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. (1995). *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo, Scipione.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (1986). *Análise da Conversação e Ensino da Língua Portuguesa*. Campinas/IEL, (mimeo).
- CRYSTAL, David. (1999). *The Penguin Dictionary of Language*. Second Edition. London: The Penguin Group.
- FILLMORE, Charles. (1979). “On Fluency”. In: *Individual Differences in Language Ability and Language Behavior*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- GERALDI, João Wanderley et alii. (1996). “Lingüística, Ensino de Língua materna e Formação de Professores”. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 12, n° 2.
- ILARI, Rodolfo. Mesa-Redonda: (1988). “O que significa “Ensinar” Língua Materna?” In: SANFELICE, José Luís (Org.) *A Universidade e o Ensino de 1° e 2° Graus*. Campinas, SP: Papyrus.
- JÚDICE, Norimar. (1997). *Verbo e voz na Escrita do Homem e da Mulher*. Tese de Doutorado. UFRJ/Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Produção de Texto: uma perspectiva sócio-cultural*. Dissertação de Mestrado. UFF/Centro de Estudos Gerais/Instituto de Letras.
- LENNON, Paul. (1990). “Investigating Fluency in EFL: A Quantitative Approach”. In: *Language Learning*, vol. 40, n° 3.
- LEVELT, W.J.M. (1989). *Speaking: from Intention to Articulation*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- LITTLEWOOD, W.(1981). *Communicative Language Teaching*. Cambridge: CUP.
- MAGALHÃES, Maria Izabel S. (1992). “Língua Oral, Língua Escrita: Uma Questão de Valores Sociais”. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 8, n° 2.



- MARCUSHI, Luiz Antônio. (1995). *Oralidade e Escrita*. Conferência pronunciada no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre linguagem e Educação. UFRN/Natal.
- \_\_\_\_\_. (1997). "Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica." In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 30.
- MILANEZ, Wânia. (1993). *Pedagogia do Oral: condições e perspectivas para a sua aplicação no Português*. São Paulo: Sama.
- NEVES, Maralice Souza. (1996). "Os mitos de abordagens tradicionais e estruturais ainda interferem na prática em sala de aula." In: *Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências*. Campinas: Pontes.
- PONTES, Eunice. (1988). "O "Continuum" Língua Oral e Língua Escrita: por uma nova concepção do Ensino" In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, nº 12.
- RICHARDS, PLATT, John e PLATT, Heidi. (1992). *Dictionary of Language Teaching & Applied Linguistics*. England: Longman.
- SCARPA, Ester. (1995). "Sobre o Sujeito Fluente." In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, nº 29.